



A AIDS E O DISCURSO HOMOFÓBICO DA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA HOLLYWOODIANA

Mauricio de Souza Campos¹
Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²

Ao contrário do discurso científico majoritário do começo da década de 1980, a AIDS não se configura apenas como uma pandemia biomédica. Constitui-se também em uma pandemia multifacetada, de caráter econômico, social, moral e lingüístico. Segundo Paula Treichler (1999), a epidemia da AIDS gerou uma epidemia de significações, devido ao número enorme e discordante de metáforas e produções discursivas geradas ao longo de quase três décadas desde a sua identificação.

As metáforas acerca da AIDS têm sido construídas pelo discurso científico, pela mídia, pelo trabalho dos ativistas gays em prol de modificações de termos usados para se descrever a síndrome e pelas diversas manifestações artísticas. Uma maneira fértil de se fazer um corte epistemológico na história dessa síndrome é levantar alguns fragmentos discursivos e posturas produzidos pela indústria cinematográfica hollywoodiana e os impactos causados por sua recepção pelo homem médio.

Embora mortes causadas por uma “doença misteriosa” tenham sido registradas entre gays em Nova York, São Francisco e Paris já no final da década de 70, a AIDS passou a fazer parte do imaginário público apenas em 1981, quando os primeiros registros sobre ela apareceram em periódicos: no dia 18 de maio, no *The New York Native* (um jornal gay); em 5 de junho, na publicação científica *Morbidity and Mortality Weekly Report* e em 3 de julho, na edição do *The New York Times* (VERGHESE, 1995).

Os textos falavam de jovens homossexuais masculinos que, vivendo em áreas urbanas e levando uma vida sexual “promíscua”, estavam inexplicavelmente contraindo doenças raras para pessoas de sua faixa etária. Além disso, os jovens morriam em decorrência de algumas dessas doenças, as quais normalmente não levariam pessoas saudáveis à morte. Como uma das doenças mais comuns entre esses pacientes era uma forma bastante rara de câncer de pele, não demorou para que o novo mal fosse apelidado de “câncer gay” (HADDAD, 1993). Antes da sigla AIDS (Acquired

¹ Graduado em Biologia e Direito. Professor da Rede Particular de Ensino da Cidade de Salvador. E-mail: mauriciodesouzacampos@hotmail.com

² Graduada em Psicologia, com Mestrado e Doutorado em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA. E-mail: therezacoelho@gmail.com



Immune Deficiency Syndrome) ser adotada, em 1982, como nome oficial, usava-se extra-oficialmente a sigla GRID (Gay-Related Immune Deficiency). Nos corredores de alguns hospitais, porém, muitos médicos e profissionais da área de saúde chamavam-na de WOG, as iniciais, em inglês, para a expressão “ira de Deus” (wrath of God). Como se vê, o aspecto moralizante de punição para um comportamento tido como errado esteve associado à AIDS desde os seus primórdios.

No início da epidemia, quando os cientistas sequer tinham chegado à conclusão definitiva de que a AIDS podia ser transmitida sexualmente, o discurso gerado no interior de laboratórios mundialmente conceituados já se apresentava carregado de termos preconceituosos e de julgamentos morais como “promiscuidade”, “práticas sexuais anormais” e afins. A falta de informação mais concreta, por parte dos próprios cientistas, levou a um sem-número de dados e afirmações conflitantes a respeito de quem estava sujeito a contrair a síndrome, assim como a respeito de suas formas de contágio. Tanto a linguagem moralizante quanto o desencontro de dados e informações contribuíram para aferir à AIDS uma identidade gay e uma culpabilidade para aqueles que a contraíssem. Em seu livro “A Aids e suas metáforas”, Susan Sontag (1989) discute como a epidemia da AIDS foi construída em prol da manutenção dos jogos de poder entre as maiorias hegemônicas e as minorias estigmatizadas:

[...] A idéia de que a AIDS vem castigar comportamentos divergentes e a de que ela ameaça os inocentes não se contradizem em absoluto. Tal é o poder, a eficácia extraordinária da metáfora da peste: ela permite que uma doença seja encarada ao mesmo tempo como um castigo merecido por um grupo de "outros" vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos. [...] Mais do que o câncer, e de modo semelhante à sífilis, a AIDS parece ter o poder de alimentar fantasias sinistras a respeito de uma doença que assinala vulnerabilidades individuais tanto quanto sociais. O vírus invade o organismo; a doença (ou, na versão mais recente, o medo da doença) invade toda a sociedade" (p. 127-8).

Não há que se culpar apenas o discurso científico pelo caráter estigmatizante da AIDS. Há que se considerar que as noções que a maior parte dos leigos tem a respeito da ciência são suscitadas não através do contato com a “realidade” científica dos laboratórios e testes, mas sim, através das narrativas que chegam a eles pela mídia, em especial o cinema, que (re)produz — bastante simplificadamente — o discurso científico e tem alcance em escala global. Além dos gays, a AIDS atacou maciçamente, no início, haitianos, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos, grupos que fugiam ao ideal branco, hetero-normativo saudável, valorizado pela sociedade norte-americana. Nas estatísticas dos relatórios científicos, as pessoas infectadas pelo HIV, que não pertenciam a esses grupos, eram classificadas como “outros”, deixando no anonimato as mulheres ou homens heterossexuais que o contraíssem. Durante anos, muitos cientistas afirmaram categoricamente que os heterossexuais estavam virtualmente imunes. Esse tipo de afirmação,



ironicamente, pode ter funcionado como um facilitador para que a AIDS se disseminasse mais rapidamente entre aquela população, uma vez que os heterossexuais demoraram mais para observar as recomendações de sexo seguro que começaram a surgir não muito tempo após a eclosão da epidemia.

O fato de a AIDS ter atingido, de forma mais explícita, grupos de minorias hegemônicas trouxe várias conseqüências (SONTAG, 1995). Rapidamente se chegou à expressão conceitual “grupo de risco”, segundo a qual simplesmente por se pertencer a um dos grupos mais atacados pela síndrome, a pessoa já era identificada como portadora em potencial dela. Não importava o comportamento do indivíduo, mas sim o grupo de onde ele se originava. Quando a noção de “comportamento de risco” veio a ser mais divulgada entre a população, a síndrome já atacava um grande número de pessoas fora dos considerados “grupos de risco”.

A identificação dos “grupos de risco” radicalizou ainda mais, e de forma preconceituosa, a dimensão da alteridade em relação aos que foram atingidos pela epidemia da AIDS. Ela era considerada um mal do “outro”, do “diferente”, do “exótico”. Isso estava explícito no discurso científico quando classificava os não pertencentes aos “grupos de risco” como “população geral”, como se homossexuais, hemofílicos, usuários de drogas injetáveis e haitianos não fizessem parte da população. Isso se reproduziu na indústria cinematográfica hollywoodiana, sob a forma de longas-metragens em que a AIDS era a temática e as personagens acometidas pela síndrome eram representantes fieis dos já popularizados grupos de risco. Em seu livro *Homofobia*, Byrne Fone (2000) aponta que a epidemia da AIDS foi um fator decisivo para o aumento da homofobia, uma vez que o ódio e/ou medo com relação aos homossexuais cresceu em virtude da estereotipação ocasionada pelo conceito de “grupos de risco”.

Diante do mal-estar gerado pela nova epidemia, cujo número de infectados crescia exponencialmente, não é de espantar que, entre 1980 e 2000, o assunto repercutisse de maneira contundente nas salas de cinema. Um longo caminho de solidificação de preconceitos e estereótipos começou a ser trilhado. Uma lista fecunda de filmes tendo a AIDS como tema central surgiu da noite para o dia.

Aconteceu comigo (EUA-1985) foi o primeiro filme a tocar no assunto, em uma época em que pouco se sabia sobre a doença, com um elenco de peso (Aidam Quinn, Gena Rowlands e Ben Gazzarra). O filme, feito para a TV, chamou a atenção ao mostrar o preconceito da sociedade em geral, quando uma tradicional família americana se vê às voltas com um filho gay e soropositivo, numa ocasião em que pouco se sabia sobre a doença.



Entre amigos (EUA-1998), por sua vez, narra uma reunião de sete amigos gays, dois deles soropositivos, em uma bela casa de campo no verão. Sentimentos como amizade, amor e medo vêm à tona quando os amigos resolvem se reunir e passam a problematizar as futuras relações a partir da contaminação pelo HIV. Dúvidas e preconceitos são retroalimentados nos diálogos travados.

Meu querido companheiro (EUA-1990) pode ser considerado como um dos filmes mais impactantes sobre o assunto. Embora se passe em 1985, o filme mostra o choque que a AIDS causou em uma comunidade gay da Califórnia, quando um grupo de amigos acostumado a sexo e farras se vê às voltas com a estranha doença, tendo que lidar com os sintomas e as desconfianças de serem portadores dela. O filme é pesado e mostra de forma realista as conseqüências da AIDS em uma comunidade acostumada ao sexo livre.

Nossos filhos (EUA-1994) é um drama estrelado por três atores consagrados (Ann Margaret, Ursula Andrews e Hugh Grant). O seu foco não é a doença, mas sim o relacionamento entre mãe e filho, junto ao preconceito. Grant vive o gay cujo parceiro está morrendo de AIDS e que é menosprezado pela mãe.

Embora o tema seja sério, alguns diretores optaram por fazer comédias em torno dele, como **Jeffrey - de caso com a vida** (EUA-1995). Jeffrey é um belo ator que decide não fazer mais sexo com medo da propagação da AIDS, mas, por obra do destino, ele acaba se apaixonando por um rapaz soropositivo.

Filadélfia (EUA-1993) foi a primeira superprodução feita para as telonas, com um elenco encabeçado por Tom Hanks e Antonio Banderas. A película, que contava a história de um advogado gay soropositivo que fora demitido do escritório em que trabalhava, fez muito sucesso e deu o Oscar a Hanks, abrindo portas para outros filmes com a mesma temática e chamando a atenção do público para a AIDS.

Todos os filmes aqui mencionados têm um gay portador do HIV como protagonista. Essa constatação não pode ser interpretada unicamente como fruto da repetição de dados estatísticos da doença no período em que eles foram feitos, embora exista um entendimento do papel do cinema hollywoodiano como *longa manus* do discurso científico. A idéia de que a indústria cinematográfica acompanha os “gritos da Ciência”, projetando nas telas aquilo que se produz em laboratórios, cai por terra quando confrontamos o novo perfil de contaminados por HIV (seis em cada dez portadores do vírus são declaradamente heterossexuais) com os argumentos presentes em filmes hodiernos sobre o tema, já que estes continuam a vincular a AIDS às orientações homoafetivas.



As produções cinematográficas sobre Aids no início da epidemia eram narradas com base em uma série de coincidências infelizes que propiciaram a difusão não só do vírus, mas sobretudo de preconceitos, discriminações e estigmas relacionados a determinados grupos sociais, conhecidos como os "4Hs": homossexuais, hemofílicos, haitianos e heroínômanos. Os filmes gestados na década de oitenta do século passado representavam o surgimento de uma fábula científica e moderna, estruturada a partir de equívocos de epidemiologistas, visto que raízes desta fábula contemporânea se remetiam mais ao "*clima de caça às bruxas, bruxas essas plasmadas pelos próprios fabuladores, talvez em busca de apoio a uma visão maniqueísta do mundo: de um lado os saudáveis, do outro, os doentes, estes últimos, por seu turno, subdivididos em: 'vítimas inocentes' e (supostos) 'culpados'*" (Bastos, 2006, p. 29-30).

Um aspecto a ser observado é que, se por um lado a fábula dos 4Hs se traduziu como um movimento de negação daquilo que era ameaçador ao homem e que precisava ser afastado, por outro emergiu como um mecanismo de controle de determinados grupos sociais. Essa é uma questão ainda bastante atual e relevante, tanto no âmbito da produção cinematográfica quanto na definição de políticas públicas de saúde. Três décadas passadas desde o advento da AIDS, a ciência, e em especial a Epidemiologia, sugere uma reflexão sobre as imbricações entre o sistema de organização dos países e o padrão de epidemia de AIDS encontrado. Nessa ótica, a AIDS é abordada como um fenômeno preocupante, como no caso da África, mais precisamente a África subsaariana, e o Leste Europeu.

Ainda que o discurso científico tenha modificado as abordagens acerca da contaminação pelo HIV/AIDS, a sétima arte persistiu nos enredos de outrora e, contraditando as novas pesquisas epidemiológicas, permanece ratificando a eterna vinculação entre a infecção e as práticas homoafetivas. O mundo assistiu, nas produções cinematográficas da primeira década do século XXI, a continuidade de argumentos gestados no início da epidemia. Foi assim em:

A Viagem (*The Trip*). Direção: Miles Swain – EUA – 2002 - 94 min. Alan é um jornalista recém-formado e tipo conservador até encontrar Tommy, ativista dos direitos dos homossexuais. A princípio, a aproximação é justificada pela intenção do primeiro, por declaração heterossexual, de escrever um livro sobre os gays, mas rapidamente a relação embala num romance que tem início em 1973 e atravessa os anos 80, pretexto para o diretor Miles Swain representar o painel de mudanças da liberdade sexual e o surgimento das primeiras mortes pelo vírus HIV. De forma muitas vezes bem-humorada, sem uma preocupação explícita de engajamento, essa realidade é espelhada pelas



diferenças nas trajetórias dos protagonistas e no debate nacional sobre a homossexualidade, em torno deles.

Tudo contra Léo (*Tout Contre Léo*). Direção: Christophe Honoré – França/EUA – 2002 - 88 min. O cenário é uma pequena cidade no litoral da Bretanha, região onde o cineasta nasceu e lar perfeito para um casal e seus quatro filhos. Leo é o mais velho. Aos 21 anos e gay, ele anuncia à mesa que seu teste para HIV resultou positivo. A harmonia do clã sofre um abalo, mas só o suficiente para todos se unirem mais em apoio a Leo - exceto o caçula de 12 anos, Marcel, que embora poupado da notícia pelos pais e irmãos, acaba por ouvir tudo atrás da porta. A partir daí, a trama se desenrola através dos olhos do garoto, não só em relação às possíveis consequências dramáticas da doença, mas também às experiências típicas da idade de um pré-adolescente. São momentos de pausa na linha dramática, a exemplo da viagem a Paris de Leo e Marcel, que dão equilíbrio ao filme. A boa trilha sonora inclui o cantor Lloyd Cole e músicas de Alex Beaupain, parceiro habitual de Honoré.

O Evento (*The Event*). Direção: Thom Fitzgerald – EUA – 2003 - 110 min. Gay e vítima do vírus HIV em 2000, Matt decide abreviar seu sofrimento e opta pelo suicídio. Os amigos mais próximos oferecem a ele uma festa de despedida e em seguida assistem a sua morte. Passam, assim, a ser cúmplices do ato final e suspeitos para uma promotora de Manhattan, Nick, que entra em cena para investigar o caso. A suspeita maior recai sobre Brian, melhor amigo de Matt e diretor de uma instituição de ajuda a soropositivos. Mas a investigadora também confronta familiares do doente, como as irmãs e sua mãe, epicentro do drama do clã. O diretor Thom Fitzgerald (Unidos pelo Sangue) lança mão de um recurso impactante sobre o direito de um doente terminal de por fim à própria vida e, a partir dele, contextualiza um período confuso e estigmatizado da Aids.

O que se seguiu, ao longo desses anos, foi uma divergência nos discursos científicos e cinematográficos. Pesquisas científicas atuais afirmam que as desigualdades socioeconômicas se evidenciam e se agudizam quando a temática é contaminação pelo HIV/AIDS, mas o cinema ainda mantém o discurso vinculativo Aids/gay. A posição antagônica deste em relação àquele, em vez de ampliar o acesso à informação e reduzir as iniquidades, reconfigura os hiatos entre a produção científica e a sociedade receptora de informações e pode ser entendida como mecanismo de criação ideológica de favorecimento de grupos hegemônicos, em especial o homem branco, heterossexual, machista e misógino.

REFERÊNCIAS



- ACONTECEU COMIGO (An Early Frost). Direção de John Erman. EUA: NBC Universal, Inc., 1985. 100 min.
- A VIAGEM (The Trip). Direção de Miles Swain. EUA: Falcon Lair Films, 2002. 94 min.
- BASTOS, Francisco Inácio. **AIDS NA TERCEIRA DÉCADA**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 104 p.
- ENTRE AMIGOS (With Friends Like These). Direção de Philip Frank Messina. EUA: Universal Pictures, 1998. 105 min.
- FILADÉLFIA (Philadelphia). Direção de Jonathan Demme. EUA: Columbia TriStar Pictures, 1993. 2h e 05 min.
- FONE, Byrne. **Homophobia**. Nova Iorque: Picador, 2000. 421 p.
- HADDAD, Sérgio. (org.). *Aids, juventude, educação: catálogo de fontes de informação e materiais educativos*. São Paulo: Cedi, 1993. 52 p.
- JEFFREY - DE CASO COM A VIDA (Jeffrey). Direção de Christopher Ashley. EUA: Orion Classics, 1995. 90 min.
- MEU QUERIDO COMPANHEIRO (Longtime Companion). Direção de Norman René. EUA: American Playhouse, Companion productions e The Samuel Goldwin Company, 1990. 100 min.
- NOSSOS FILHOS (Our sons). Direção de John Erman. EUA: Robert Greenwald Productions, 1994. 95 min.
- O EVENTO (The Event). Direção de Thom Fitzgerald. EUA: Arkanjel Production Company, 2003. 110 min.
- SONTAG, Susan. **Assim vivemos agora**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 56 p.
- _____. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Editora de Bolso, 2007. 168 p.
- TREICHLER, Paula. **How to have theory in an epidemic: cultural chronicles of aids**. Durham: Duke University Press, 1999. 477 p.
- TUDO CONTRA LÉO (Tout Contre Léo). Direção de Christophe Honoré. França/EUA: Image et Compagnie, 2002. 88 min.
- VERGHESE, Abraham. **My own country: a doctor's story**. New York: Vintage Books, 1995. 101 p.